



Newsletter

Academia de Marinha

Sessão Solene integrada nas comemorações do Dia da Marinha “Gerações da Guerra moderna: de Vestefália às guerras de 4ª geração”



No âmbito das comemorações do Dia da Marinha 2017, decorreu no Auditório da Academia de Marinha, em 23 de maio, uma Sessão Solene presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, **Almirante António Silva Ribeiro**, em que foi apresentada a comunicação “Gerações da guerra moderna: de Vestefália às guerras de 4ª geração”, pelo **Académico Nuno Sardinha Monteiro**.

No início da Sessão procedeu-se à imposição de condecorações a militares que prestam ou prestaram serviço na Academia de Marinha, atribuídas por sua excelência o Almirante CEMA.

Após agradecer a presença do Almirante CEMA e AMN, o Presidente da AM, **Almirante Francisco Vidal Abreu**, referiu que “a preparação desta sessão, integrada nas comemorações do Dia da Marinha, constitui sempre, um ponto alto da programação anual da Academia” e que “a presença do Comandante da Marinha presidindo à sessão atribui-lhe brilho e responsabilidade acrescida que não enjeitamos, antes agradecemos”.

A finalizar, o Presidente da AM disse ter convidado o Comandante Sardinha Monteiro, “estudioso destas matérias, e que sobre elas escreve com regularidade, mantendo a Marinha e a comunidade internacional a par dos pensamentos mais recentes e que fará a ponte entre o passado e o futuro, não deixando de focar os sinais a que devemos estar atentos”.



Sessão Solene integrada nas comemorações do Dia da Marinha

“Gerações da Guerra moderna: de Vestefália às guerras de 4ª geração”



Seguiu-se a apresentação da comunicação pelo Académico Sardinha Monteiro, o qual salientou “ser mais ou menos consensual que as guerras mais recentes possuem características muito peculiares. Nalguns aspetos, trata-se da reciclagem de velhas técnicas, noutros aspetos evidenciam-se novas características”, e que alguns grupos de militares e académicos têm procurado caracterizar as novas formas de conflitualidade, usando denominações como guerras não-convencionais, guerras irregulares, guerras não-lineares ou guerras híbridas.

Para o conferencista, “uma outra designação que tem sido bastante empregue é a de guerras da 4ª geração, introduzida em 1989 por um conjunto de autores norte-americanos, no quadro de uma conceptualização sobre as várias gerações da guerra moderna. Segundo esses autores, embora o desenvolvimento militar seja um processo evolutivo contínuo, é possível identificar na era moderna momentos em que a condução da guerra se alterou de forma significativa, os quais definem diferentes gerações da guerra.

Em termos sucintos, a 1ª geração de guerras iniciou-se com o Tratado de Vestefália, que estabeleceu os princípios do estado-nação e da soberania estatal. A guerra passou a ser um monopólio do estado-nação, caracterizando-se por enfrentamentos de exércitos numerosos. O conflito mais emblemático desta geração de conflitual foram as Guerras Napoleónicas”.

A 2ª geração da guerra surgiu com o aumento do poder de fogo das armas, bem como do seu alcance, precisão e frequência de tiro. O primeiro conflito desta geração foi a Guerra Civil Americana (1861-1865), embora o exemplo mais paradigmático tenha sido a Grande Guerra de 1914-18.



Sessão Solene integrada nas comemorações do Dia da Marinha

“Gerações da Guerra moderna: de Vestefália às guerras de 4ª geração”

Entretanto, a II Guerra Mundial (1939-1945) revelou uma nova forma de condução das disputas militares, baseada no movimento, emergindo, assim, a 3ª geração da guerra. Com efeito, a blitzkrieg conduzida pelos alemães no início daquele conflito evidenciou como tropas dotadas de grande manobrabilidade se conseguiam sobrepôr a forças estáticas entrincheiradas, mesmo que dotadas de grande capacidade de fogo.

Contudo, o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 trouxe uma nova forma de conflitualidade, marcando o início da 4ª geração da guerra. As guerras desta geração caracterizam-se por um esbatimento das fronteiras entre a guerra e a paz, e por um regresso à conflitualidade típica da era pré-moderna, com o estado-nação a perder o monopólio da ação militar, devido ao envolvimento de atores não-estatais (como grupos de guerrilha, grupos insurgentes, terroristas, etc.).

Após descrever as várias gerações da guerra, o Académico Sardinha Monteiro fez uma análise deste modelo apontando, entre outras críticas, a pouca atenção dada à conflitualidade no mar, apesar da caracterização das guerras de 4ª geração também se aplicar no ambiente marítimo. Nesta linha, foram apresentadas várias ações de 4ª geração ocorridas num passado recente, em ambiente litoral, nomeadamente: o ataque do Hezbollah à corveta israelita Hanit com um míssil anti-navio, em 14 de julho de 2006; o ataque de um grupo afiliado do autodenominado Estado Islâmico, com um rocket, a um navio da Marinha Egípcia, em 16 de julho de 2015; e o lançamento de dois mísseis contra navios de guerra norte-americanos, por rebeldes Houthis, a 8 de outubro de 2016.

Após apontar os principais méritos deste modelo geracional das guerras, o orador concluiu com algumas considerações finais, acentuando que, “como a guerra está permanentemente a evoluir, é fundamental efetuar um esforço constante e contínuo de concetualização e de prospetiva, de forma a procurar antecipar os traços distintivos da conflitualidade futura”.



Em 2 de maio foi apresentada a comunicação “A batalha de Salamina: estratégia bélica e fascínio literário no relato historiográfico de Heródoto”, pela **Prof^a Doutora Carmen Soares**.

A oradora, lembrou que a batalha de Salamina é considerada como marco histórico do início da Época Clássica, tendo como fonte escrita mais antiga o relato do historiador Heródoto (séc. V a.C.), salientando que, “o propósito desta conferência não consiste em proceder ao escrutínio positivista de levantamento das “verdades” e “ficções” contidas na narrativa herodotiana, análise incongruente com os objetivos e metodologias da ciência histórica. Procederemos, ao invés, à interpretação dos acontecimentos descritos à luz da concepção de história evidenciada na escrita do autor grego”.

Procederemos, ao invés, à interpretação dos acontecimentos descritos à luz da concepção de história evidenciada na escrita do autor grego”.

A finalizar a sua interessante apresentação, a Professora Carmen Soares disse que só uma leitura contextualizada do discurso permite compreender a presença na descrição da Batalha de Salamina de elementos literários, absolutamente naturais, numa ciência que estava a dar os seus primeiros passos.



Sessão Cultural Conjunta

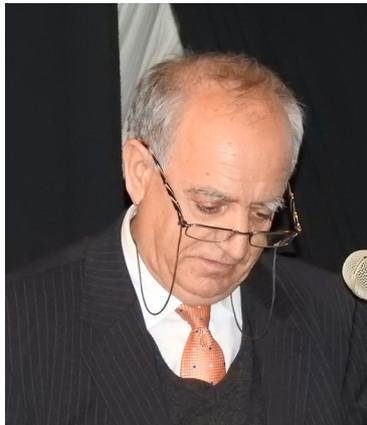
“D. Francisco Manuel de Melo e o Mar – a propósito dos 350 anos da sua morte, pela vida e obra multifacetadas”

Em 6 de maio teve lugar no Auditório da Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva, na Ericeira, a 13ª sessão cultural conjunta com o Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, subordinada ao tema “D. Francisco Manuel de Melo e o Mar – a propósito dos 350 anos da sua morte, pela vida e obra multifacetadas”.



Após as saudações do Presidente do ICEA,

Prof. Doutor José Viegas Freitas, foram apresentadas as comunicações “Conspecto da vida e obra de D. Francisco Manuel de Melo”, pelo **Académico Artur Anselmo**, “D. Francisco Manuel de Melo e D. Manuel de Meneses, personagens de uma Epanáfora Trágica”, pelo **Académico Jorge Semedo de Matos**, “D. Francisco Manuel de Melo, historiador e literato, uma Filosofia da Natureza centrada no mar: do criador da Epanáfora Trágica, a Espinosa e a David Melgueiro”, pelo **Académico Manuel Cadafaz de Matos**, e “A Epanáfora Amorosa e a ‘Lenda de Machim’”, pelo **Académico João Abel da Fonseca**. Foi oferecido a cada um dos conferencistas um exemplar do livro *Timor— comemorações da chegada dos Portugueses em 1515*, última edição da Academia de Marinha.



A sessão foi encerrada com a alocação do Presidente da Academia de Marinha, **Almirante Francisco Vidal Abreu**,



que lembrou D. Francisco Manuel de Melo “ter embarcado logo aos 19 anos, sofrido um naufrágio, entrado em combate com um comportamento que lhe valeu ser armado cavaleiro ainda muito novo, ter voltado a embarcar cerca de 12 anos mais tarde, participado em combates no canal de Inglaterra, tendo de novo embarcado com elevada responsabilidade volvidos dois anos, embora a marca que deixou para a posteridade não ter sido a de um marinheiro de carreira”.

Sessão Cultural Conjunta “O Cardeal Saraiva e o mar na sua obra. Pelos 250 anos do seu nascimento”

Em 9 de maio teve lugar uma sessão cultural Subordinada ao tema “O cardeal Saraiva e o mar na sua obra. Pelos 250 anos do seu nascimento”, numa organização conjunta com a Academia das Ciências de Lisboa.

Depois da alocução do Presidente da Academia de Marinha, Almirante Francis-

co Vidal Abreu, seguiram-se intervenções dos académicos **Luís Oliveira Ramos** e **João Teles e Cunha**, com as comunicações “O Mar na obra do Cardeal Saraiva” e “Ecos da Índia na obra do cardeal Saraiva”, respetivamente.

O Professor Oliveira Ramos referiu na sua apresentação que, os contributos do Cardeal Saraiva para a História resultam do conhecimento da necessidade de uma História de Portugal fiável, com recurso a dados monásticos, a bibliografia e a coleções documentais portuguesas e espanholas disponíveis.

O Professor Teles e Cunha deu uma visão panorâmica da contribuição de D. Frei Francisco de São Luís para a historiografia dos Descobrimentos e do império português na Ásia.

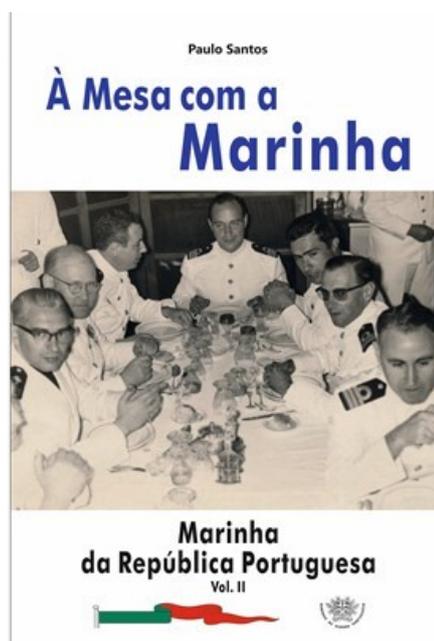


Apresentação do Livro

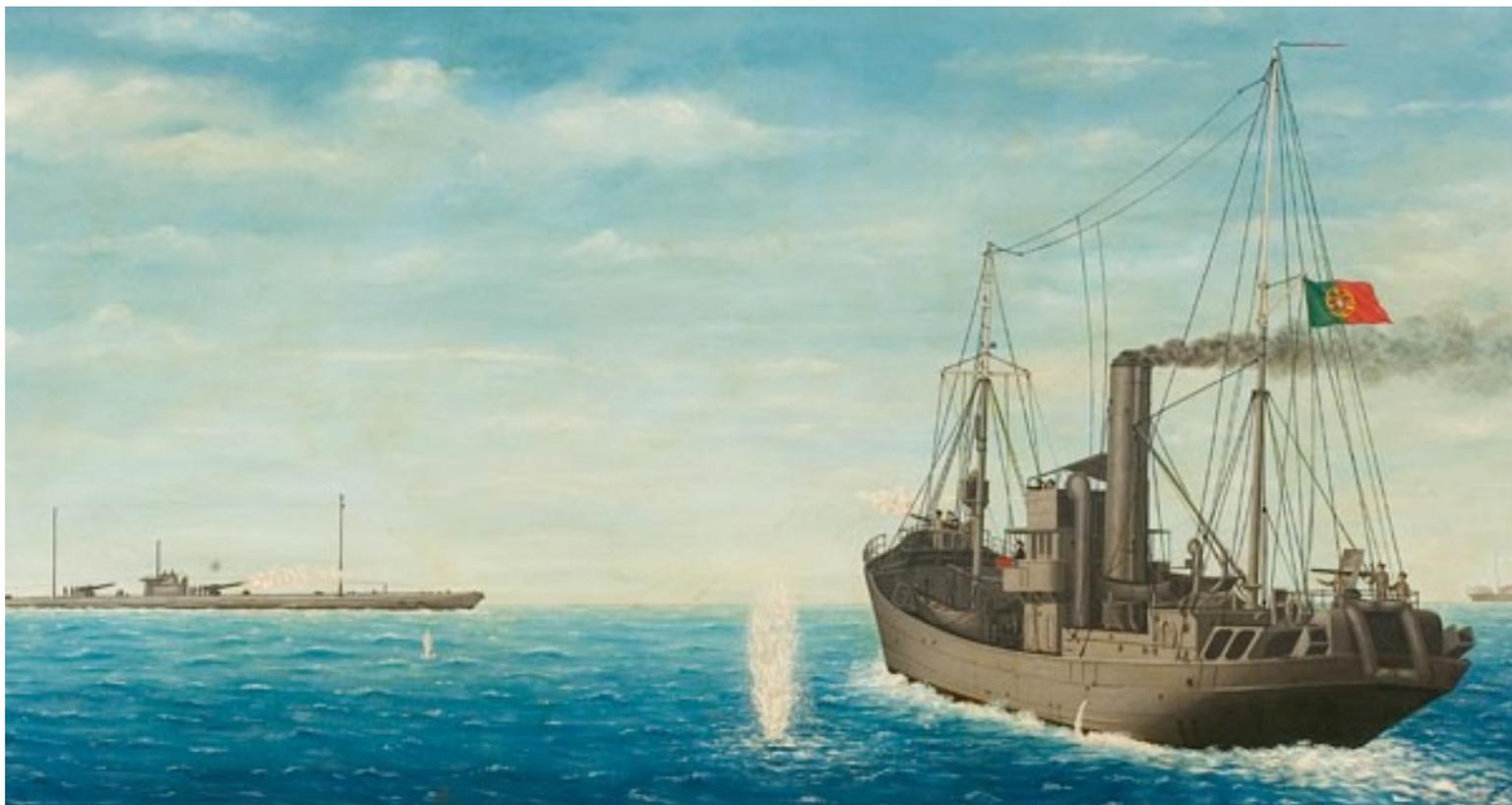
À Mesa com a Marinha, Vol. II — Marinha da República Portuguesa

Em 15 de maio teve lugar, no auditório da Academia de Marinha, a apresentação do Livro *À Mesa com a Marinha – Marinha da República Portuguesa Vol. II*, da autoria do **Académico Paulo Santos**, cuja apresentação esteve a cargo do **Académico Rui Abreu**, Contra-almirante médico naval.

O II volume da obra, *À Mesa com a Marinha*, reporta-se ao período da república tendo sido pensado em torno dos navios e unidades em terra, onde se mantêm vivas as tradições da mesa na Marinha Portuguesa, e baseado nos homens que a praticam e a partilham. Encerra Histórias contadas à volta da Mesa Naval e revisita alguns dos tradicionais e emblemáticos pratos da Armada.



Ciclo A Grande Guerra



Em 16 de maio teve lugar no Auditório da Academia de Marinha um Ciclo de conferências, subordinado ao tema “A Grande Guerra”.

Após as saudações do Presidente da AM, Almirante Francisco Vidal Abreu, foram apresentadas duas comunicações seguidas de debate “*Stolz weht die flagge: a aventura das unidades coloniais da Marinha Imperial alemã na Grande Guerra*”, pelo Académico Vasco Soares Mantas e “Dois ‘Relatórios’ do Segundo-Tenente Américo Deus Rodrigues Thomaz durante a Grande Guerra, 1917-1918”, pelo Académico João Abel da Fonseca.

Depois do intervalo, o Dr. Jorge Freire e o Dr. Jorge Russo apresentaram as comunicações “O Navio de Salvação *patrão Lopes: Um herói esquecido*” e “As ações do U35 no Algarve”, respetivamente.

O Ciclo de conferências foi encerrado, pelo Académico João Brandão Ferreira, com a comunicação “Participação da aeronáutica militar portuguesa na Grande Guerra”.

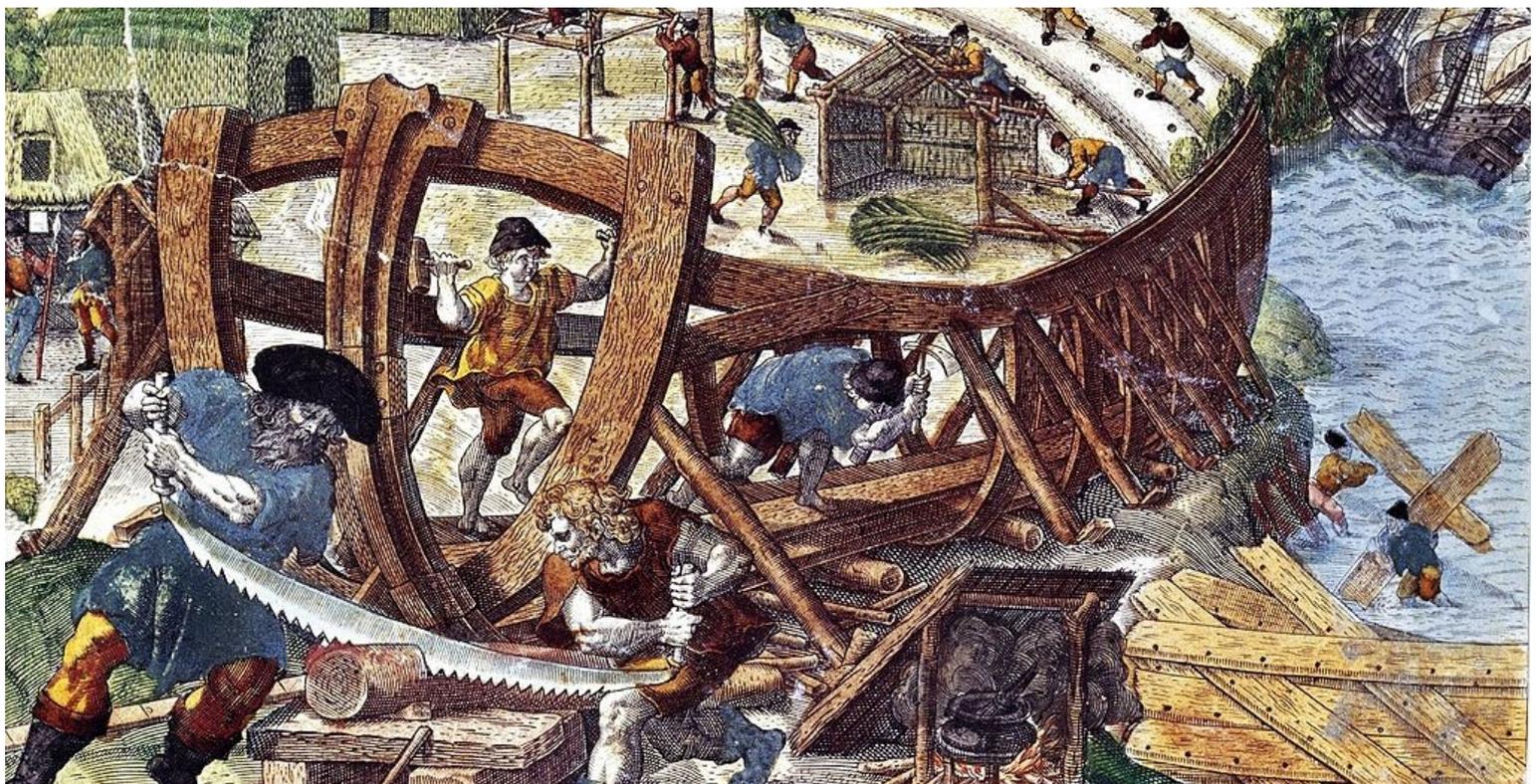
Seguiu-se um período de debate onde foi visível o entusiasmo da interessada assistência.





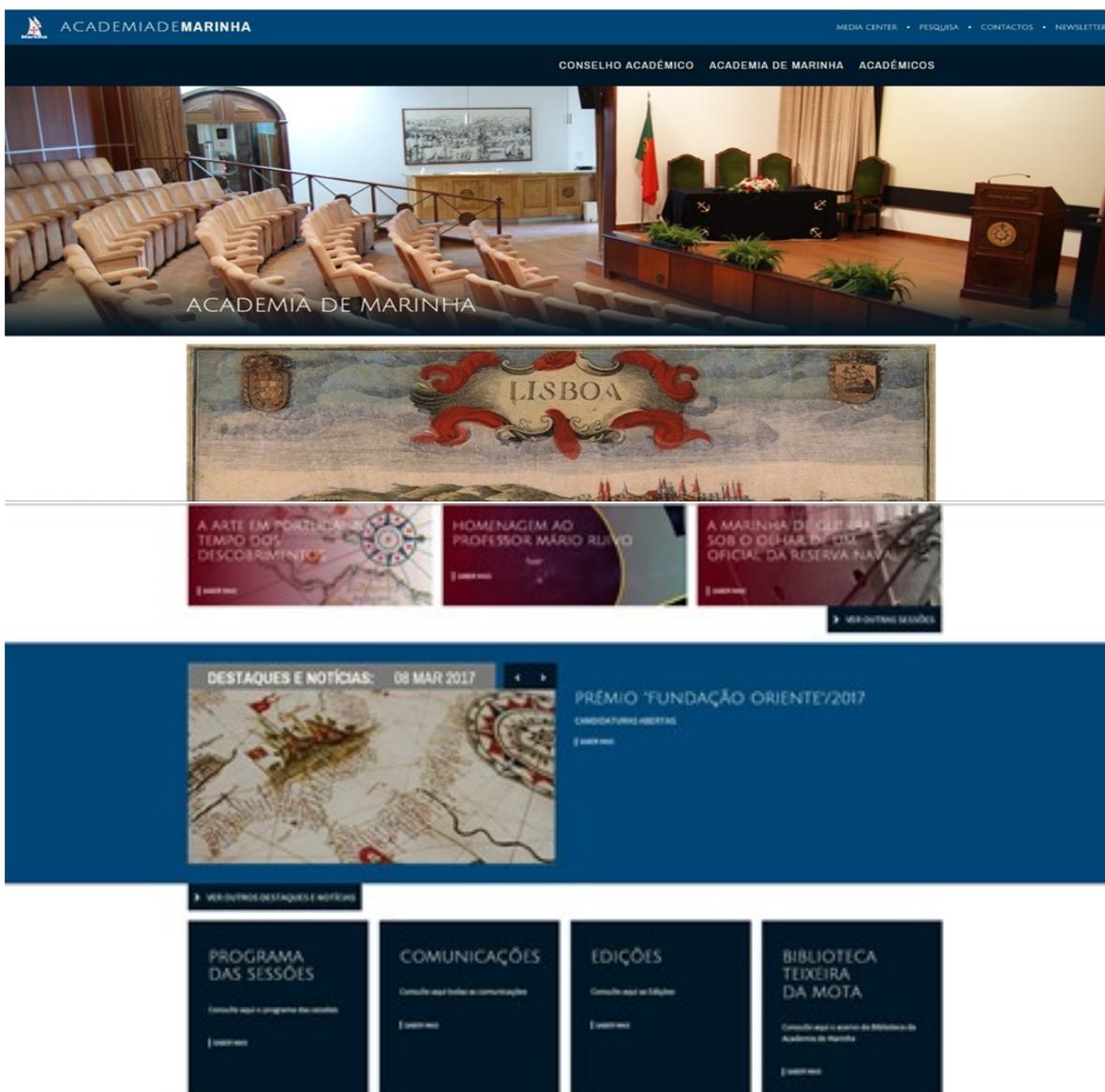
Em 30 de maio foi apresentada a comunicação “Construção naval em Damão e o comércio do ópio (séc. XVIII e XIX)”, pela Profª Doutora Ernestina Carreira.

A oradora recordou que, a construção naval e a reparação de naus foram um dos pilares essenciais da edificação militar e económica da Ásia portuguesa entre os primórdios do século XVI e as duas primeiras décadas do século XIX. Os estaleiros da Índia forneceram uma grande parte dos navios da Carreira da Índia e até uma boa parte das naus de guerra que defenderam o Atlântico português até à independência do Brasil, em 1822. Na sua comunicação, a professora Ernestina Carreira apresentou a evolução dos grandes espaços de construção indianos antes do século XVIII, em particular o extraordinário exemplo de Damão, no período que se seguiu à reforma pombalina dos arsenais do Império. Elevado à categoria de Estaleiro Real a partir de 1773, este modesto porto do Guzerate rivalizava, vinte anos mais tarde, com os maiores estaleiros da Ásia (Bombaim, Calcutá...) e produzia as mais prestigiosas embarcações de comércio e de guerra da época. A bem conhecida fragata Dom Fernando II e Glória, construída em 1843 e hoje restaurada em Portugal, foi a derradeira embarcação de guerra da história destes estaleiros. O desenvolvimento exponencial do comércio do ópio entre a Índia e Macau a partir dos primeiros anos do século XIX também foi um dos motores essenciais do dinamismo deste espaço de construção.



Novo Portal da Academia de Marinha

Informa-se que está disponível na Internet o novo Portal da Academia de Marinha com o seguinte endereço: <http://academia.marinha.pt>.



PROGRAMA DAS SESSÕES

Junho

À terça-feira, na Academia de Marinha, às 17h30, salvo indicação em contrário

Dia 6

“A Portuguesa Gracia Nassi e a sua aventura marítima na diáspora”

Doutora Susana Bastos Mateus

Dia 13

Não há sessão

Dia 20

“L’âge des plastics, de la terre à la mer”

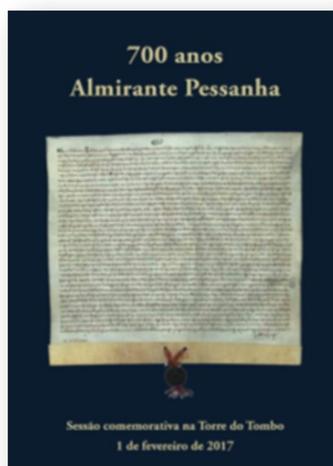
Prof. Doutora Bernardet Bensaúde Vincent

Dia 27

“Wenceslau de Moraes”

Prof. Doutor Daniel Pires

Edições 2017 da Academia de Marinha

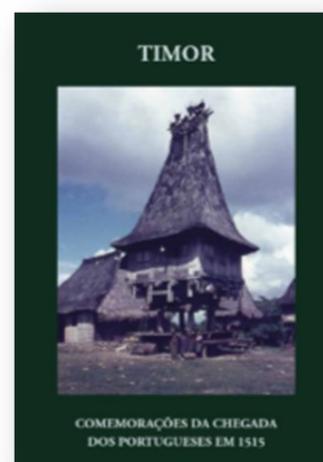


“Ora, o diploma régio de 1 de Fevereiro de 1317, que hoje celebramos neste evento conjunto, vem confirmar, inequivocamente, o estabelecimento efectivo e perene da Armada, na medida em que o Almirante Pessanha se compromete, a si e aos seus sucessores, a ficar vassalo do Rei de Portugal e de todos os que lhe sucedessem, servindo-os «bem e lealmente no mar, nas galés e em terra... contra todos os homens do mundo, de qualquer estado e de qualquer condição que sejam também cristãos como mouros».”

Almirante António Silva Ribeiro

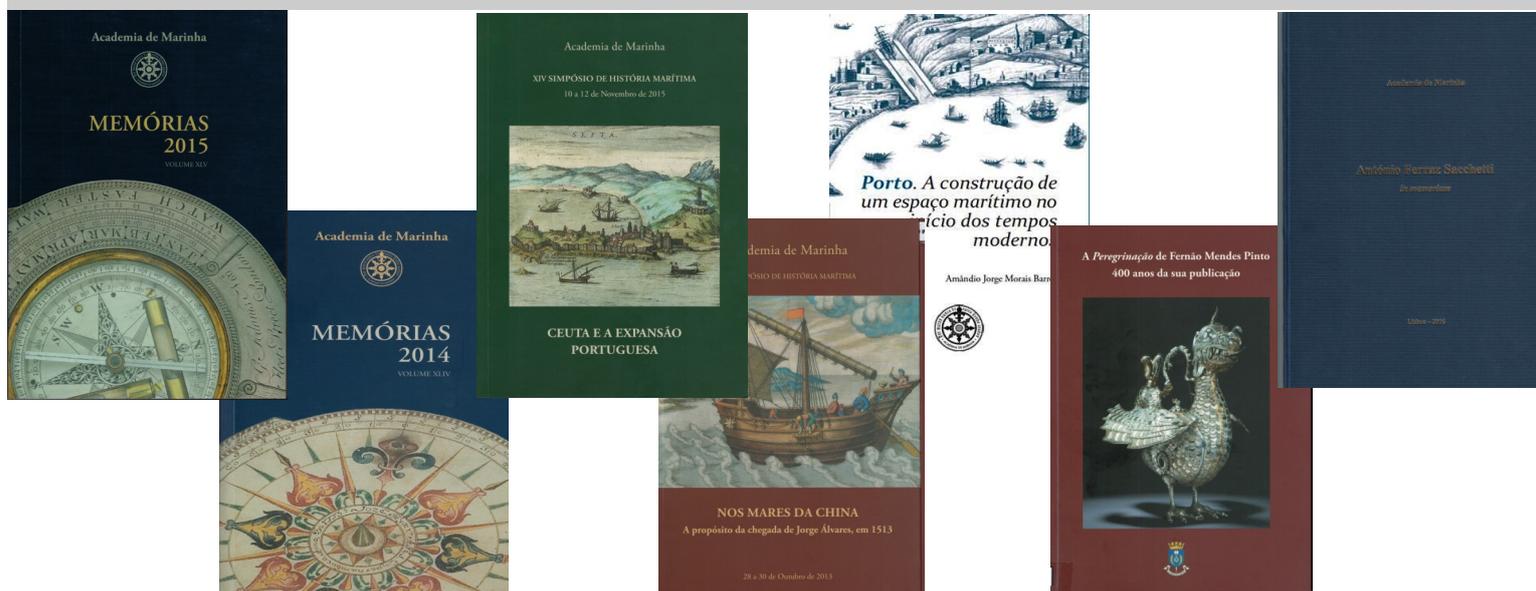
Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional

“Timor foi o mais longínquo e isolado território do antigo Ultramar, quase abandonado e desconhecido, sendo apenas lembrado em períodos sinistros, como foram o da ocupação japonesa durante a II Guerra Mundial e a guerra civil, no período da denominada Descolonização, que deu origem à invasão indonésia. Mercê de um conjunto de circunstâncias positivas, das quais ressaltou o total apoio da nação portuguesa, a par de um querer muito forte do seu povo, Timor conseguiu a sua tão desejada independência em maio de 2002.”

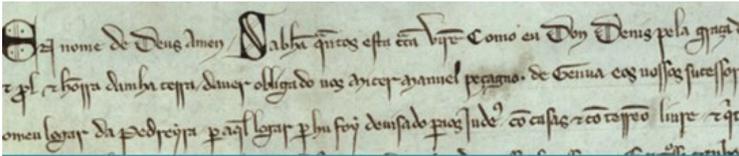


Almirante Francisco Vidal Abreu
Presidente da Academia de Marinha

Edições 2016 da Academia de Marinha



INSCRIÇÕES ABERTAS – XV SIMPÓSIO DE HISTÓRIA MARÍTIMA



XV SIMPÓSIO DE HISTÓRIA MARÍTIMA
Academia de Marinha, 14 a 16 de Novembro de 2017



O mar como futuro de Portugal (c. 1223 - c. 1448)
A propósito da contratação de Manuel Pessanha como Almirante por D. Dinis



➤ Inscrição para apresentação de comunicações até 16 de junho
➤ Entrega dos resumos das comunicações (aprovadas) até 8 de setembro

Para mais informações:
www.academia.marinha.pt academia.marinha@marinha.pt Telefones: 210 984 708 / 710
Academia de Marinha, Edifício da Marinha, Rua do Arsenal, 1149-001 Lisboa

Patrocínio:



Prémio “Almirante Sarmiento Rodrigues”/2017

Até 29 de setembro de 2017 está aberto o concurso para atribuição do Prémio “Almirante Sarmiento Rodrigues”/2017 destinado a impulsionar e dinamizar a pesquisa e a investigação científica e o estudo da história das atividades marítimas dos Portugueses.



Prémio “Fundação Oriente”/2017

Até 29 de setembro de 2017 está aberto o concurso para atribuição do Prémio “Fundação Oriente”/2017, destinado a impulsionar e dinamizar a pesquisa e a investigação científica na História, Artes, Letras e Ciências ligadas ao Mar e à presença portuguesa na Ásia Oriental.



Os regulamentos dos Prémios estão disponíveis na Secretaria e no Portal da Academia de Marinha.